



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

ÂNGELA SILVA DE SOUZA

**ANÁLISE INTRODUTÓRIA DO CONCEITO DE LIBERDADE NA OBRA**  
***ENTRE O PASSADO E O FUTURO* DE HANNAH ARENDT**

Amargosa, BA  
Setembro/2017

ÂNGELA SILVA DE SOUZA

**ANÁLISE INTRODUTÓRIA DO CONCEITO DE LIBERDADE NA OBRA  
*ENTRE O PASSADO E O FUTURO* DE HANNAH ARENDT**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. José João Neves Barbosa Vicente.

Amargosa, BA  
Setembro/2017

ÂNGELA SILVA DE SOUZA

**ANÁLISE INTRODUTÓRIA DO CONCEITO DE LIBERDADE NA OBRA  
*ENTRE O PASSADO E O FUTURO* DE HANNAH ARENDT**

Monografia apresentada à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, para obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Amargosa, BA, 20 de setembro de 2017.

---

Prof. José João Neves Barbosa Vicente  
Orientador

---

Prof. Ronaldo Crispim Sena Barros  
Examinador

---

Prof. Emanuel Luís Roque Soares  
Examinador

Dedico a Deus, essência da existência humana, a minha família, aos meus mestres, colegas, amigos e a todos aqueles que sonham e luta para conquistar o ensino superior.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu Deus, criador e bem de todos. Por ele fui criado e recebi o mundo como minha morada pública.

A minha família, meus pais Noel e Maria; irmãs Andréia, Angélica, Noélia, Rosana; irmão Damião pelo apoio e incentivo no decorrer deste curso. Também agradecer a minha segunda família em nome do casal Augusto e Zulene. A meu companheiro Moisés Santos, que sempre esteve me apoiando e incentivando com palavras de ânimo e força.

Aos meus caríssimos professores desta licenciatura em filosofia da UFRB. Em especial aqueles que tive maior contato como Emanuel Soares, Geovana Monteiro e Ricardo Resende-tutor da minha turma. Particularmente agradeço ao professor José João Neves Barbosa Vicente por sempre estar disponível em orientar-me com suas preciosas dicas e orientações para a construção e conclusão desta monografia. Aos examinadores que compõem esta banca aos professores Emanuel e Ronaldo muito obrigada!

Aos meus amigos do convívio diário nas relações de trabalho como a equipe e grupos do SCFV/CRAS de Mutuípe em nome dos colegas orientadores sociais Cheirla, Juscely, Kleber e Rita Do Carmo com quem socializo experiências de vida. Amigos estes que sempre estão comigo nos melhores momentos assim como nos momentos incertos da vida. Ressalto aqui em especial aos amigos e colegas Iracema, Josivane, Lucas, que sempre esteve presente nos momentos de discussões, angústias, dificuldades, parceiros no decorrer desta jornada.

Aos motoristas e colegas de estrada pelos cuidados, respeito, resenhas, apoio, proteção e compreensão no deslocamento diário de minha cidade-Mutuípe para a referida instituição Centro de Formação de Professores da UFRB em Amargosa.

Ao colégio Estadual Professor Jose Aloisio Dias – CEJAD em nome dos professores Almiro, Zélia e Janeibe pela parceria e experiências nos estágios

supervisionados assim como as professoras Joselene e Márcia pelo aprendizado e trocas de conhecimentos nas observações e intervenções do PIBID.

Aos colegas, corpo docente e todos os funcionários desta instituição meu muito obrigado por cada expressão, ação, reflexão, conhecimento, cuidado, trocas e aprendizado no decorrer desta caminhada.

Enfim a todos os citados e supracitados que direta ou indiretamente colaboraram para que este momento acontecesse.

“Deus criou o homem  
para introduzir no  
mundo a faculdade de  
começar: a liberdade”.  
Hannah Arendt

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise introdutória do conceito de liberdade como aparecem no pensamento de Hannah Arendt, a partir da sua obra *Entre o passado e o futuro* (2001). Para a filósofa, a liberdade encontra-se diretamente ligada ao aparecimento ou manifestação do homem no espaço público, através da ação e da palavra. A liberdade é, assim, imprescindível para a política, na verdade, segundo Arendt, a razão de ser da política é a liberdade, ou em outros termos, o sentido da política é a liberdade. O espaço público deve ser plural e livre, e a política deve basear-se na pluralidade dos homens; pois, segundo a filósofa, a política digna desse nome, trata do convívio entre diferentes que, em si, traz o sentido da liberdade que permite a todos aparecerem e atuarem no espaço público. Não se pode falar da liberdade na política quando alguns agem e os outros apenas assistem, o campo original da liberdade é a ação política que só pode ser experimentada no espaço público através do discurso e da ação. Conclui-se, então, que, para Arendt, não existe política sem a liberdade e nem esta sem aquela: as duas coisas se auto identificam – a liberdade é o sentido da política, e esta é o espaço onde a liberdade é acolhida. No campo da política, segundo Arendt, a liberdade deixa de ser um problema e passa a ser um fato da vida cotidiana, isso deve estar sempre presente em cada indivíduo. Portanto, falar da política é, também, falar da liberdade, é falar do fato de o homem ser dotado de ação. E ação e política são as capacidades e potencialidades da vida humana, são as únicas coisas que não podemos sequer conceber sem ao menos admitir a existência da liberdade.

**Palavras-chave:** Hannah Arendt; Liberdade; Interioridade; Ação; Política.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO 1. LIBERDADE E “INTERIORIDADE”</b> .....	11
1.1. Liberdade tradicional.....	11
1.2. “Interioridade”/vontade.....	15
<b>CAPÍTULO 2. LIBERDADE E POLITICA</b> .....	19
2.1. Liberdade objetiva.....	20
2.2. Liberdades/ação/discurso.....	22
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
<b>BIBLIOGRAFIAS</b> .....	27

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise introdutória do conceito de liberdade em Hannah Arendt, presente na obra *Entre o passado e o futuro*, publicada pela primeira vez em 1954, constituída de oito capítulos nos quais a autora reflete sobre diversos temas e busca iluminar os problemas políticos fundamentais do século XX. A ênfase, no entanto, será dada ao capítulo IV “Que é liberdade”, sem deixar de fazer relações e referências aos argumentos e reflexões presentes em outros textos e outras obras da autora. Nossa pretensão não é esgotar o assunto, porque como disse Vicente (2017, p.75), a liberdade é “um dos temas mais importantes de toda a obra da autora” e requer, para a sua compreensão, um conhecimento amplo e profundo da totalidade dos escritos de Hannah Arendt.

Hannah Arendt defende um conceito de "pluralismo" no âmbito político. Graças ao pluralismo, o potencial de uma liberdade e igualdade política seria gerado entre as pessoas. Importante é a perspectiva da inclusão do Outro. Em acordos políticos, convênios e leis, devem trabalhar em níveis práticos pessoas adequadas e dispostas. De todo modo, não é fácil estudar os textos de Hannah Arendt. De acordo com Vicente (2017a, p.50), isso ocorre devido ao rigor e à profundidade com que a autora aborda os conceitos, “a clareza em relação aos conceitos e categorias é fundamental” para Hannah Arendt, “a compreensão e o rigor na análise foram sempre suas maiores preocupações”.

O desenvolvimento desta monografia será feita em dois capítulos distribuídos da seguinte forma: o primeiro capítulo intitulado “liberdade e ‘interioridade’”, busca entender o posicionamento da autora diante da ideia de uma liberdade subjetiva relacionada com a ideia de vontade ou “livre arbítrio” que se sustenta basicamente em relação ao indivíduo que vive sozinho; o segundo capítulo intitulado “liberdade e política”, o objetivo é analisar a fundamentação do conceito da liberdade de Hannah Arendt e a sua relação com a política; uma liberdade, portanto, que está intimamente

ligada aos indivíduos que se relacionam uns com os outros e não pode ser concebida sem essa relação.

Como fontes de suas investigações Hannah Arendt usa, não apenas textos e documentos filosóficos, políticos e históricos, mas também obras literárias. Seu sistema de análise, parcialmente influenciado por Heidegger, a converte em uma pensadora original situada entre diferentes campos de conhecimento e especialidades universitárias. Hannah Arendt entende a liberdade como manifestação do homem no espaço público, mediado pela ação e pela linguagem. Política sem liberdade é uma compreensão distorcida de política, tanto quanto conceber liberdade sem política.

Não há como conceber a ação privada da liberdade, pois ela ganha força tanto quanto é livre para manifestar-se. É disto que é composto o espaço público: elementos plurais e livres. Nesse sentido, podemos afirmar que a política trata do convívio entre os diferentes, isto é, a pluralidade traz em si o sentido da liberdade, manifesta o direito de todos aparecerem e atuarem. A política é plural, porque a liberdade exige a pluralidade como condição *sine qua non*. Não há liberdade longe da pluralidade que é a sua máxima expressão. O campo da política é o campo da liberdade onde ocorrem os negócios humanos e a liberdade não acontece na teoria, mas sim no mundo fenomênico, o âmbito da política, o seu campo original.

# CAPÍTULO 1

## LIBERDADE E “INTERIORIDADE”

### 1.1. Liberdade tradicional

A liberdade é um tema importante, não apenas para as discussões filosóficas ou políticas, mas também para todas as outras discussões que envolvem diretamente os seres humanos como um todo. De acordo com Vicente (2007, p.100), o homem é o único ser capaz de privar a liberdade do outro homem, mas ele é também o único capaz de garantir espaços para que a liberdade possa se manifestar plenamente. Para Hannah Arendt, não se trata de tarefa fácil estudar ou discutir a questão envolvendo a liberdade, mesmo se tratando de um conceito central para a condição política dos homens:

Levantar a questão – o que é liberdade – parece ser uma empresa irrealizável. É como se as velhas contradições e antinomias estivessem à nossa espreita para forçar o espírito a dilemas de impossibilidade lógica de tal modo que, dependendo da solução escolhida, se torna tão impossível conceber a liberdade ou o seu oposto quanto entender a noção de um círculo quadrado (ARENDR, 2001, p.188).

Ao refletir sobre algumas considerações a partir das revoluções americana e francesa em que possuía como foco resolver questões sociais e outra estabelecer instituições duradoras, afirma “não existem coisas mais fúteis no mundo do que uma rebelião e uma libertação, se não vierem acompanhadas pela constituição da liberdade recém-conquistada”. (ARENDR, 2011, p.190).

O princípio da liberdade na vida econômica, proclamado pelo liberalismo, se desenvolveu primeiramente em condições de grandes desigualdades sociais, e posteriormente teve uma forte reação através das teorias socialistas e comunistas,

cujos movimentos se tornaram opositores do liberalismo bem mais fortes do que as correntes conservadoras e tradicionais. Inicialmente a pensadora apresenta ideias esclarecedoras de teóricos como Kant em que relata “seu discernimento de que a liberdade não é mais passível de averiguação por parte das faculdades interiores e dentro da experiência interna do que pelos sentidos com os quais conhecemos e compreendemos o mundo”. (ARENDDT, 2001, p.189). Neste sentido, Kant apresenta a liberdade como uma razão teórica ou “pura” e uma “razão prática” cujo centro é a vontade livre, pelo que é importante ter em mente.

Entretanto os acontecimentos passados devem ser levados em consideração pela ação política, tanto para se evitar o mal, quanto para cunhar possibilidades de valores que tragam a dignidade da vida e a busca por sua preservação, como grande justificativa para uma existência política. Assim, é importante recuperar a memória das ações de homens do passado, que souberam viver politicamente a liberdade e lembrar que apesar de sermos todos humanos, ninguém é “exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (ARENDDT, 2007 p.16). Assim demonstra aos homens do presente, não algo que vive num saudosismo de grandes feitos de outrora, mas a exemplo da incrível capacidade do homem de ser em comum, na liberdade plural a ser consolidada a partir de uma ação coletiva.

Uma das notas típicas do pensamento de Hannah Arendt é a percepção e a reflexão sobre o fenômeno da ruptura. Para ela, a ruptura traduz-se numa lacuna entre o passado e o futuro, gerado pelo esfacelamento dos padrões e das categorias que compõem o repertório da tradição ocidental. Tal lacuna gera contínuas perplexidades no presente na medida em que a tradição do pensamento não fornece regras para a ação futura e conceitos para o entendimento dos acontecimentos passados. Daí um dos aspectos da crise contemporânea que se caracteriza pela dificuldade de discernir, no contexto dos problemas do mundo, até mesmo as classes de perguntas que devem ser formuladas. “O conceito cristão de liberdade política surgiu da desconfiança e hostilidade que os cristãos primitivos tinham contra a esfera política enquanto tal, e de cujos encargos reclamavam isenção para serem livres”. (ARENDDT, 2001, P.197)

Em nossa contemporaneidade enfrentamos um problema que é real e crescente e que gradativamente vem ganhando força, impulsionado pelas novas exigências da economia globalizada e pelas necessidades crescentes do capital. Os grandes filósofos do século XIX a sua maneira, denunciaram o processo de descaracterização do humanismo da cultura clássica, em detrimento de um comportamento individualista desinformado e quase insano, pois é quase sempre destituído de consciência acerca de suas próprias orientações, assim afirma:

O ponto de vista das considerações que seguem é que o motivo para essa obscuridade está em que o fenômeno da liberdade não surge absolutamente na esfera do pensamento que nem a liberdade nem o seu contrário são vivenciados no dialogo comigo mesmo no decurso do qual emergem as grandes questões filosóficas e metafísicas, e que a tradição filosóficas, cuja origem a esse respeito consideraremos mais tarde destorceu, em vez de esclarecer, a própria ideia de liberdade, tal como ela é dada na experiência humana. (ARENDRT 2001, p.191)

Desta forma, a pensadora destaca que a tradição cristã obscurece a noção de liberdade ao transpô-la ao livre arbítrio. Sabendo que a liberdade foi a última das questões metafísicas tradicionais a tornar-se tema de investigação filosóficas e sua origem foi dada pela experiência da conversão religiosa primeiramente de Paulo e segundo de Agostinho, ela levanta a questão da liberdade como uma empreitada nossa para forçar o espírito a contradição e dilemas de impossibilidades relacionando a dificuldades de responder à questão da liberdade a compreensão de um circulo quadrado, o que faz entender que somos livres e responsáveis para refletir uma suposição axiomática.

A liberdade precisa ser analisada e discutida seriamente, porque para Hannah Arendt, quando se trata de “questões práticas”, principalmente aquelas relacionadas com a política, a “liberdade humana” sempre é tomada “como uma verdade evidente por si mesma”. E como se sabe, é precisamente “sobre essa suposição axiomática que as leis são estabelecidas nas comunidades humanas, que decisões são tomadas e que juízos são feitos” (ARENDRT, 2001, p.189). A liberdade não pode ser entendida como uma questão metafísica, isso o torna algo de difícil compreensão. Para Hannah Arendt, tomar o conceito de liberdade nesse sentido, significa atribuir a

ele um sentido errôneo, uma vez que não representa a sua verdadeira compreensão, mas sim a sua verdadeira distorção ou obscurecimento do seu sentido e significado.

Hannah Arendt com seu pensamento causa uma ruptura com essa tradição ao defender que só pode conduzir a especulação para o estudo da liberdade no seio das discussões políticas. O debate acerca da liberdade estava sendo conduzido a um solo pantanoso, tendo feito dela um atributo da vontade. Contudo, a concepção arendtiana de liberdade é política. A liberdade de acordo com Hannah Arendt surge no campo da “política e dos problemas humanos em geral”. De acordo com Larrauri (2009, p.27), a liberdade surge na “esfera pública”, ela não pode ser conduzida para outro campo onde perde o seu sentido.

A liberdade não está, por exemplo, no espaço privado, nem onde não há interferência do poder e governo, nem na interioridade, “esse sentir interior permanece sem manifestações externas e portanto, por definição, sem significação política.” A liberdade tem a ver com a pluralidade que, de acordo com Vicente (2012, p.124-125), dá sentido político à ação dos homens realizada não no isolamento, mas sim na presença dos outros; a liberdade exige necessariamente o diálogo entre pessoas. Disso concluímos, que política e liberdade se autoidentificam, não podendo se conceber uma sem a outra, a não ser que admitamos o equívoco da tradição separando um do outro. Contudo, só nesse equívoco se poderia admitir a política como negadora do espaço público e, conseqüentemente, da pluralidade, da ação e do discurso; só assim poderíamos encontrar política e liberdade destoando. Fora disso uma identifica a outra, já que a política é o espaço acolhedor da liberdade, e a liberdade, seu sentido. Portanto, vale salientar que:

O campo em que a liberdade sempre foi conhecida, não como um problema, é claro, mas como um fato da vida cotidiana, é o âmbito da política. E mesmo hoje em dia, quer o saibamos ou não, devemos ter sempre isso em mente, ao falarmos do problema da liberdade, o problema da política e o fato de o homem ser dotado de ação; pois ação e política, entre todas as capacidades e potencialidades da vida humana, são as únicas coisas que não poderíamos sequer conceber sem ao menos admitir a existência da liberdade (ARENDR 2001, p. 191).

Portanto, liberdade e política são duas vertentes que devem caminhar na mesma mão, mesmo que por vezes apresentam contradições. De acordo com Hannah Arendt, o homem de ação precisa enfrentar os obstáculos ocasionados pela política e liberdade, pois uma sem a outra não tem sentido. Observando-se pela ótica de que a política é o campo que conseqüentemente deve abarcar a liberdade, pois, o homem, a política, a liberdade entrelaçada é o que gera a ação transformadora e progressista.

### 1.1. “interioridade”/vontade

A vontade livre é que fundamenta o livre-arbítrio, ou pelo menos possibilita a sua liberdade, mas isso não significa que estejamos desprovidos da existência de uma relação entre a vontade e a faculdade da razão livre, mas também regada. Importante é a perspectiva da inclusão do outro, em acordos políticos, convênios e leis. Hannah Arendt, como disse Vicente (2017, p.75-84), destaca em seus estudos que liberdade e ser livre não são coisas doadas “pela natureza” e que se desenvolvem por si mesmas, elas são convencionais e artificiais, produtos, portanto, “do esforço humano e das qualidades do mundo feito pelos homens”, elas não podem ser entendidas com um “universo interior”. Assim pode-se perceber que Arendt defende como liberdade de fato as ações exercidas por pessoas que possui o dom da coragem para agir em meios públicos com responsabilidade em prol de conquista para o coletivo. A experiência religiosa cristã da liberdade tem “relação com o pecado e com o autocontrole necessário para combater os desejos pecaminosos”. É essa experiência que mais tarde influenciou as noções de liberdade descritas como algo que “acontecesse no distanciamento das outras pessoas e dentro da mente dos indivíduos” (FRY, 2010, p.90-91).

Para Hannah Arendt, não se pode falar da liberdade sem falar da política, “o fato de o homem ser dotado com o dom da ação”; e falar da política e da ação é falar das duas capacidades humanas “que sequer poderíamos conceber sem ao menos admitir a existência da liberdade”. Quem toca “em um problema político particular”, necessariamente, “implícita ou explicitamente”, toca também “em um problema da liberdade humana” (ARENDR, 2001, p.191-192). A liberdade tem a ver com a pluralidade que, de acordo com Vicente (2012, p.124-125), dá sentido político à ação dos homens realizada não no isolamento, mas sim na presença dos outros; a liberdade exige necessariamente o diálogo entre pessoas. De acordo com Lafer (2003, p.31), a “liberdade para Hannah Arendt, é a liberdade antiga, relacionada com a *polis* grega. Significa liberdade para participar, democraticamente, do espaço público de palavra e da ação”. Definir a liberdade como vontade, livre-arbítrio ou como um “fenômeno interior”, significa deformar a “ideia de liberdade política, quer como um tipo de liberdade de não ter de tomar parte na política, quer como uma liberdade de vontade a fim de alcançar fins específicos” (FRY, 2010, p.90).

A liberdade para Hannah Arendt, como afirmaram Silva e Xavier (2015, p.55), “é uma atividade exercida pelos homens por meio do convívio entre eles”; ela não é, portanto, “um dado da consciência ou da vida interior. Ao contrário, apresenta-se como atividade da vida política”. Ainda de acordo com os autores, para Hannah Arendt, a liberdade não é também uma “dádiva” e nem “nasce com o homem”, ela é “uma conquista humana”. Como disse Vicente (2017, p.75-77), a liberdade como pensada por Hannah Arendt, dispensa qualquer tentativa de transformá-la em produto da vontade, ou de formulá-la a partir da interioridade humana que apenas faz sentido para o indivíduo isolado ou que vive sozinho, mas não para aqueles que vivem e se relacionem uns com os outros.

De modo geral, o problema do mal e bem está diretamente relacionando com a nossa liberdade: a vontade é livre, e pode querer o mal, pois somos um ser limitado, podendo agir desordenadamente, imoralmente, contra a vontade de Deus. E assim, devemos considerar esta ação não como causa eficiente, mas deficiente da sua ação viciosa, porquanto o mal não tem realidade metafísica. O pecado, pois, tem em si mesmo imanente a pena da sua desordem, porquanto a criatura, não

podendo lesar a Deus, prejudica a si mesma, determinando a dilaceração da sua natureza. A capacidade de raciocinar e de valorizar de forma inteligente o mundo que o rodeia é o que confere ao homem o sentido da liberdade entendida como plena expressão da vontade humana, por meio da ação no mundo, na exterioridade.

O indivíduo é livre quando a sociedade não lhe impõe nenhum limite injusto, desnecessário ou absurdo. Uma sociedade livre dá condições para que seus membros desfrutem, igualmente, da mesma liberdade. Tendo em vista que a liberdade se manifesta à consciência como uma certeza primária que perpassa toda a existência, especialmente nos momentos em que se deve tomar decisões importantes e nos quais, o indivíduo sente que pode comprometer sua vida. É importante perceber que essa ameaça de ruptura e a desobediência como reação à mesma, se passa na esfera do público, local da política, onde a cidadania, como o direito a ter direitos, encontra sua legitimidade. “Sem um âmbito público politicamente assegurado, falta a liberdade, o espaço concreto onde aparecer” (ARENDRT 2001, p. 195), de tal modo que, sem esse espaço, se pode encontrar a liberdade em qualquer outro lugar menos onde ela faz a diferença para o existir plural dos homens, menos onde ela pode significar suas ações e lhes garantir a possibilidade do novo. Porém, Arendt demonstra que é preciso, ainda na esfera de uma discussão sobre Direitos Humanos, a reafirmação da diferença entre espaço público e privado, tanto para assegurar a ação em comum, pautada na liberdade, como também para estabelecer o direito individual à intimidade. Este, portanto, se constitui no direito de estar só, tendo a singularidade a possibilidade de excluir do conhecimento de terceiros aquilo que só a ela se refere e diz respeito à sua maneira de ser no âmbito da vida privado. E assim, a autora revela:

O desígnio da ação varia e depende das circunstâncias mutáveis do mundo; identificar uma meta não é uma questão de liberdade, mas de julgamento certo ou errado. A vontade vista como uma faculdade humana distinta e separada, segue-se ao juízo, isto é, a cognição do objetivo certo, e comanda então sua execução. O poder de comandar, de ditar a ação, não é uma questão de liberdade, mas de força ou fraqueza. (ARENDRT 2001, p. 198).

Nesse sentido, podemos afirmar que a política trata do convívio entre os diferentes, assim como, a pluralidade traz em si o sentido da liberdade que manifesta o direito de todos aparecerem e atuarem sem qualquer distinção. Visto por esta vertente, que se existe opressão advindo do poder para determinar atuações, isto não representa liberdade, nem política de pensamento a decisões. Pois, a pluralidade só se manifesta quando estas diversidades estão interligadas para atitudes favoráveis a decisão humana confiável, crítica e libertadora.

## CAPÍTULO 2

### LIBERDADE E POLÍTICA

Hannah Arendt baseia seu conceito de liberdade na experiência política com intuito de garantir sua efetivação. Ela reconhece a responsabilidade do indivíduo sobre suas ações em circunstâncias normais, e em razão disso o premia por seus méritos e o castiga por seus erros. Considerar que alguém não é responsável por seus atos implica diminuí-lo em suas faculdades humanas, uma vez que só aquele que desfruta plenamente de sua liberdade tem reconhecida sua dignidade. Todavia a liberdade é o motivo que possibilita aos homens conviverem politicamente e sem a qual a vida política como tal seria destituída de significado: “*a raison d’être* da política é a liberdade e seu domínio de experiência é a ação” já dizia a pensadora que ressalta também:

Nenhuma política tem sentido sem a liberdade, sem espaços nos quais os homens possam agir entre seus pares através de atos e palavras, pois são nesses espaços, ou em outras palavras, é apenas na esfera pública que “temos de fato o direito de esperar milagres”, o que significa dizer, para a pensadora, que “os homens, enquanto puderem agir, estão em condições de fazer o improvável e o incalculável e, saibam eles ou não, estão sempre fazendo” (ARENDR, 2002, p. 44).

Assim, de acordo com Hannah Arendt, é preciso ressaltar que a política, perde o seu verdadeiro sentido se não estiver conivente com a liberdade, se não estiver totalmente alinhada com a liberdade, pois uma sem a outra não se completa, não se realiza, perdem qualquer sentido ou significado. O homem se diz livre, quando não segue regras, porém isto não é liberdade. É preciso ter autonomia, ideias, capacidades e possibilidades de ação no seio da sociedade politicamente organizada, isto sim, está compactuado com a liberdade.

## 2.1. Liberdade objetiva

Hannah Arendt em seu livro “entre o passado e o futuro” apresenta a liberdade como manifestação do homem no espaço público, mediado pela ação e pela linguagem. Tentando mostrar que política sem liberdade é uma compreensão distorcida de política, tanto quanto conceber liberdade sem política. Esse espaço público é o local onde uma significa a outra. Vale salientar o que a autora coloca relacionado ao pensamento político, pois falando em termos políticos seria correto sim, pensar em liberdade como fator inerente à pessoa humana, que politicamente está intrínseco também o poder de ação. De acordo com Hannah Arendt, tudo o que chamamos de tradição política ocidental, está diretamente ligada ao pensamento político de Platão:

Nossa tradição de pensamento político começou quando Platão descobriu que, de alguma forma, é inerente à experiência filosófica repelir o mundo ordinário dos negócios humanos; ela terminou quando nada restou dessa experiência senão a oposição entre pensar e agir, que, privando o pensamento de realidade e a ação de sentido, torna a ambos sem significado. (ARENDR, 2001).

Para Hannah Arendt, política é plural, porque a liberdade exige a pluralidade como condição. Não há liberdade quando um só é dono da verdade e os outros não têm o direito de exprimir suas posições. Para Hannah Arendt, o campo da política é o campo de ação, que só é possível quando se faz uso da liberdade, não a liberdade simplesmente em termos teóricos, mas a liberdade que se manifesta ou que aparece no mundo fenomênico. Sendo assim, o campo da política não é o da razão pura como queria Platão – nem o da razão prática – como aparentemente, segundo Arendt, se acreditava que teria sido a posição de Kant, de tal modo que podemos afirmar que a política está em outro campo: o do pensamento plural:

A liberdade, que encontra na pluralidade sua expressão, tem constituição no mundo político onde ocorrem os negócios humanos, de modo que uma

liberdade apenas teórica não é capaz de habitar a ação, pois esta se dá no mundo fenomênico especialmente no seu “campo original”, o âmbito da política. (ARENDR 2001, p. 191).

De acordo com Hannah Arendt, a partir do momento em que o homem é capaz de pensar criticamente e perceber que ele é capaz de obter respostas para suas inquietações, ele também pode tornar-se um ser capaz de ação livre e de agir politicamente. De todo modo, é preciso evitar ser hipócrita com o próprio engajamento. É preciso, também evitar que a ação política torne uma mera forma de obter vantagens pessoais ou simplesmente de enganar o outro. No espaço público, liberdade e política dão suporte uma a outra. Não há como conceber a ação privada da liberdade, pois ela ganha força tanto quanto é livre para manifestar-se, uma vez que o espaço público é composto de elementos plurais e livres. “Para que seja livre, a ação deve ser livre, por um lado de motivos e por outro, do fim intencionado como um efeito previsível.” (ARENDR, 2001, p. 199).

Em sua obra Hannah Arendt apresenta o problema da liberdade como crucial para a política, uma vez que o fenômeno da liberdade não surge absolutamente na esfera do pensamento e sim na experiência humana, confirmada em suas linhas como “o campo em que a liberdade sempre foi conhecida, não como um problema mas como um fato da vida cotidiana, é o âmbito da política”, pois ação e política são as únicas coisas que as capacidades e potencialidades da vida humanas não são capazes de conceber sem ao menos admitir a existência da liberdade, para Arendt sem ela a vida política como tal seria destituída de significado uma vez que a razão da política é a liberdade e seu domínio de experiência é a ação.

Contudo para Hannah Arendt a liberdade é um sentimento profundamente arraigado no ser humano. E essa capacidade de raciocinar e de valorizar de forma inteligente o mundo que nos rodeia, é o que confere ao homem o sentido da liberdade entendida como plena expressão da vontade humana. Ao identificarmos o campo original da liberdade como sendo a política, o fazemos fundamentado no fato de que os homens vivem em um espaço público, que é político na sua constituição, já que não temos como conceber o espaço público sem a pluralidade, condição *sine qua non* para a liberdade, de tal modo que no espaço público se experimentam o

discurso e a ação, e os mesmos só existem onde existir a liberdade. Na obra também apresenta a coragem como fundamental para as ações políticas:

É preciso coragem até mesmo para deixar a segurança de nossas quatro paredes e adentrar o âmbito político, não devido aos perigos específicos que possam estar a nossa empreita, mas por termos chegado a um domínio onde a preocupação para com a vida perdeu sua validade. A coragem libera os homens de sua preocupação com a vida para a liberdade do mundo. A coragem é indispensável porque, em política, não a vida, mas sim o mundo está em jogo. (ARENDR, 2001, p. 203).

Sendo assim, encontraremos a liberdade nos pensamentos e produções teóricas ou nos corações, contudo, nem estes nem aquelas são capazes de manifestar aquilo que realmente importa no espaço público, os assuntos humanos fenomenalmente manifestados, sem possuir a coragem que impulsiona para tal ação. Por fim, podemos concluir que ação, pluralidade e espaço público são categorias centrais para a compreensão dessa co-originalidade existente entre liberdade e política, sendo possível afirmar: “a liberdade como fato demonstrável e a política coincidem e são relacionadas uma à outra como dois lados da mesma matéria” (ARENDR 2001, p.195).

## 2.2. Liberdade/ação/discurso

De acordo com Hannah Arendt (2002, p.199), “os homens são livres enquanto agem, nem antes, nem depois, pois ser livre e agir são a mesma coisa”. A pensadora, portanto, não diferencia liberdade de ser livre. Entretanto, leva em conta o agir em benefício de todos, não de vontades particulares. Ele deve ser conduzido pela ética e pela moral. Apenas assim ele será um ser plenamente livre, pois suas ações não poderão visar um fim específico, mas sim o desprendimento da ganância, pois é ela que leva o homem a exercer sua liberdade apenas em benefício próprio.

O espaço da ação e do discurso é público por meio dos quais nos mostramos diante dos demais e que confirmam a nossa existência. O público se refere a um mundo compartilhado, criado por objetos fabricados e ações que criam objetos não tangíveis como as leis, as instituições. Este espaço criado proporciona permanência, estabilidade e durabilidade às ações e aos objetos. Frente à fragilidade da ação, o espaço público lhe dá estabilidade por meio da memória. Além de que o espaço público contém os interesses públicos, diferentes dos privados. Neste sentido possibilita afirmar que a ação do discurso no espaço público tem maior visibilidade e resistência para garantir um objetivo mais eficaz para cada atitude, uma vez que perpetua por muito tempo na memória e também na história.

Para Hannah Arendt a ação que expressa a liberdade, aquela que traz em si a condição da pluralidade e a necessidade do espaço público para aparecer, é a ação que busca manifestar o outro. Neste sentido, o mundo artificial tem de ser cenário da ação do discurso, sob pena de se perder o sentido da política e de a liberdade não ter realidade concreta. Sua prática é uma tentativa de busca da verdade por meio da cidadania nos espaços públicos que podem ser externadas insatisfações e anseios, e esses espaços deve ser preservado, uma vez que a destruição deles é a queda da liberdade.

Todavia cabem fazer uma relação dessa liberdade como, por exemplo, os espaços deliberativos como eleições diretas, conselhos, conferências, entretanto requer dos participantes assiduidade e participação ativa nas discussões, opiniões e ações. Sabendo que dependendo do quadro do poder público atuante é necessária coragem da classe popular para ocupar e se fazer presente nestes espaços para assim dizer que é uma ação livre. Também é possível fazer uma analogia com alguns acontecimentos político-sociais diante do cenário atual, enfrentado pela humanidade, em que a população age coletivamente através de manifestações e protestos na luta e defesa dos seus direitos conquistados e melhoria para o coletivo. Praticando assim ações livre e corajosas com intuito de vencer as adversidades de injustiças cometidas à maioria pela classe dominante.

Portanto para Arendt, segundo Larrauari (2009), a liberdade é mostrada na ação, na intervenção no mundo, a fim de fazer alguma coisa que não existia antes.

Se pensar é um exercício solitário, ser livre requer, por outro lado, a participação de outros seres humanos. No tocante a liberdade é experimentada enquanto se age, enfatiza-se que a mesma consiste em feitos e palavras que são pronunciadas na presença dos demais seres humanos. Assim, a autora considera o direito de fazer uso da palavra e expressar-se publicamente, como um elemento ligado à liberdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados, o problema da liberdade em Hannah Arendt parece apontar para o que a própria autora aceita como postulado da liberdade, ou seja, para uma nova era que está entre as possibilidades humanas de construção do futuro, o seu pensamento demonstra que o convite feito pela política, desde seu surgimento, é a radical democracia, lugar em que o poder se faz pela capacidade de ação em conjunto, onde, agir em conjunto não significa somente cuidar de si mesmo, mas a partir de uma vida em comum, criando possibilidade de existência para todos. Todavia, a liberdade associada à vontade como livre-arbítrio não possui significado político porque não se manifesta publicamente, e para Hannah Arendt, a política depende da presença de uma pluralidade de agentes. A liberdade como razão de ser da política deve ser sucessivamente manifestada no espaço público. Além do mais a associação da liberdade com o livre-arbítrio não permite que se perceba a relação entre ser livre e sua capacidade para iniciar algo inteiramente novo com suas ações.

Dessa forma, segundo Hannah Arendt, fazer política sem liberdade é distorcer o verdadeiro sentido da política. O mundo criado pelos homens, segundo a pensadora, deve ser um mundo de liberdade, um espaço de realizações que se revela na pluralidade das práticas humanas e que se configura nas relações de coragem, liberdade, amizade e amor ao mundo, tornando possível novos inícios criativos por intermédio de suas ações. Podemos enfatizar a existência da ação como fator primordial responsável pela decisão de assuntos comuns, que possam vir a definir os rumos da humanidade, possuindo assim um caráter essencialmente persuasivo, que é dividido entre a atuação de pessoas, e a reação do público. Por fim, podemos compreender que a partir do conceito de liberdade de Hannah Arendt, a ação livre, além de superar, deve ultrapassar a vontade individual e os

interesses particulares, pois o que importa ao mundo é a coletividade, a pluralidade, e finalmente o bem comum.

## BIBLIOGRAFIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W Barbosa de Almeida. 5º ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ARENDDT, Hannah, **A condição humana**. Trad. Raposo. Posfácio de Celso Lafer 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007.

ARENDDT, Hannah, **Sobre a revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras 2011.

ARENDDT, Hannah. **O que é política?** Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DUARTE, André. **O Pensamento à Sombra da Ruptura: politica e filosofia em Hannah Arendt**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Trad. Paulo Ferreira Valério. Petrópolis: vozes, 2010.

JARDIM, Eduardo. **Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2011.

LAFER, Celso. **Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2003.

LAFER, Celso. **A reconstrução dos Direitos Humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LARRAURI, Maite. **A liberdade segundo Hannah Arendt**. Trad. Sérgio Rocha Brito Marques. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

MORAES, E. (Org.). **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

OLIVEIRA, L. **10 lições sobre Hannah Arendt**. Petrópolis: Vozes 2013.

RUBIANO, Mariana de Mattos. **Liberdade em Hannah Arendt** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Departamento de Filosofia, USP, 2011.

SILVA, Mauro Sérgio Santos da & XAVIER, Dennys Garcia. Hannah Arendt e o conceito de liberdade. **Seara Filosófica**, n. 10, inverno, 2015, p. 50-72.

VICENTE, José João Neves Barbosa. **Totalitarismo, educação e justiça**: uma abordagem filosófica. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012.

VICENTE, José João Neves Barbosa. **Sete breves reflexões sobre o pensamento de Hannah Arendt**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2017a.

VICENTE, José João Neves Barbosa. **O Mal do Século**. Goiânia: Editora Vieira, 2007.

VICENTE, José João Neves Barbosa. Sobre a liberdade em Arendt: comentários introdutórios. **Controvérsia**, São Leopoldo, v.13, n.2, p.75-84, mai.-ago. 2017.

VICENTE, José João Neves B. Artigo: Hannah Arendt: Platão e a negação da pluralidade humana. **Kínesis**, Vol. IV nº 07, Julho 2012, p. 150-158.